

Recebido em 30/05/2019. Aceito em 25/06/2019.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA TEORIA DECOLONIAL POR MEIO DE REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM LÍNGUA INGLESA

CONSIDERATIONS ON DECOLONIAL THEORY THROUGH REFLECTIONS ON ENGLISH TEACHING PRACTICE

Selma Silva Bezerra¹

RESUMO: Com base em resultados da pesquisa autoetnográfica, este artigo tem como objetivo analisar práticas docentes de língua inglesa à luz da teoria decolonial (QUIJANO, 2005; 2007; GROSFOGUEL, 2007; MIGNOLO, 2007; MALDONADO-TORRES, 2007), além de refletir sobre método e ensino de língua inglesa a partir de Kumaravadivelu (2003a; 2003b; 2016). Para tanto, apresento e discuto as premissas centrais do grupo Modernidade/Coloniadidade. Após, relaciono esses conceitos com o ensino de língua inglesa, focalizando as considerações sobre método, defendidas por Kumaravadivelu (2003a; 2003b; 2016). Além disso, relaciono os conceitos debatidos às minhas práticas de sala de aula, apresentando meus dilemas e, conseqüentemente, os reflexos de colonialidades que permeiam minhas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade. Prática docente. Ensino de inglês.

ABSTRACT: Based on the outcomes of an autoethnography research, this paper aims at analyzing my teaching praxis in the light of decolonial theory (QUIJANO, 2005; 2007; GROSFOGUEL, 2007; MIGNOLO, 2007; MALDONADO-TORRES, 2007) and reflecting on method and English language teaching based on Kumaravadivelu (2003a; 2003b; 2016). In order to achieve this purpose, some of the main premises of the Modernity/Coloniality group are related to the English language teaching, based on Kumaravadivelu's (2003a; 2003b; 2016) discussion about methods. Furthermore, my praxis is related to those concepts, reflecting on my dilemmas and, consequently, on the traces of coloniality that encompassed my teaching practices.

KEYWORDS: Decoloniality. Teaching practice. English teaching.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa a analisar minha prática docente de língua inglesa à luz da teoria decolonial. O estudo² foi desenvolvido em uma instituição pública de ensino, com

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL). E-mail: selma.bezerra@hotmail.com

2 O artigo é um recorte de minha tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da universidade. O número do parecer de aprovação é 2.025.937.

alunas/os do 1º ano do Ensino Médio integrado ao curso de Agropecuária. A pesquisa ocorreu entre junho e dezembro de 2017, durante um semestre letivo, na disciplina de Língua Inglesa I, cuja turma comportava alunos de faixa etária entre 14 (quatorze) e 18 (dezoito) anos. Nessa perspectiva, narro algumas das experiências vividas com a turma, as quais, no decorrer do trabalho, são fundamentadas com os pressupostos teóricos do grupo Modernidade/Colonialidade, que advoga o conceito de decolonialidade como forma de buscar outros padrões de vida, de modo a repensar os padrões eurocêntricos. Além disso, busco aporte teórico em Kumaravadivelu (2003a; 2003b; 2016), o qual defende a necessidade do desenvolvimento de uma alternativa aos métodos de ensino de língua inglesa.

Tendo em vista que questões pessoais são políticas (JONES, 2005 *apud* DUTTA; BASU, 2013), uma vez que, como um ser político, minhas escolhas são também políticas e revelam minha visão de sala de aula, de linguagem e de mundo, esta pesquisa se insere na perspectiva autoetnográfica, a qual investiga as experiências de vida e cultura do sujeito, para que, por meio delas, seja possível criar reflexões nas quais investigador e investigação se confundem. Desse modo, as experiências vivenciadas em minha turma tornam-se objetos de interpretação, as quais servem como suporte inicial para reflexões que me orientam como professora e pesquisadora. Assim, narro meu percurso de pesquisa, revisitando as experiências que contribuíram para que eu repensasse e reconstruísse o fazer docente em abordagem autoetnográfica.

Diante disso, o artigo está dividido em duas seções: (1) *pensamento decolonial*, visando a explicar seus principais conceitos; e (2) *práticas colonizadoras e práticas decoloniais*, enfatizando questionamentos e dilemas de pesquisa em articulação com os conceitos do grupo Modernidade/Colonialidade.

PENSAMENTO DECOLONIAL

As tirinhas de Quino (1999) levaram-me a refletir sobre a imposição da existência de um norte (que está acima) e de um sul (que está abaixo), demarcados geograficamente e politicamente, apesar de o planeta ser um globo. Esse fato não possibilitaria uma descrição que determinasse quem está acima ou quem está abaixo, pois, a depender do ponto de vista (do olhar), é que a conclusão é viabilizada. Como diria Saussure (1990), o ponto de vista cria o objeto. Assim, proponho-me a indagar: o que é norte? E o que é sul? O que determinou que o sul fosse sul e que o norte fosse norte? Como isso se deu, se todos os seres do planeta Terra vivem em um mesmo globo?

Figura 1 – Tirinhas da Mafalda

Fonte: Quino (1999)

Com base nessas questões, é importante atentar para o fato de que as citadas tirinhas direcionam o entendimento de que não há sul nem norte. O que ocorre, na verdade, é uma autonomação de alguém que se diz estar no norte e do outro que está no sul. Assim, é atribuída ao norte a característica de melhor, pois está localizado acima; ao sul, é atribuída a qualidade de pior, uma vez que está abaixo. Há, inclusive, uma expressão em português que significa “me dá uma orientação”, que é expressa como “me dá um norte”.

Questionamentos como esse têm sido feitos pela teoria decolonial quando propõe o giro decolonial. Giro decolonial é uma terminologia desenvolvida por Maldonado-Torres (2007) para designar a proposta teórica e política criada por um grupo de pensadores³, prioritariamente advindos do hemisfério sul, que se propõem a buscar por outra episteme para a vida e para a ciência. O grupo Modernidade/Colonialidade, como tem sido chamado, formula seu pensamento a partir do descobrimento das Américas até os dias atuais, apresentando uma crítica às principais teorias políticas e filosóficas de base eurocêntricas. Grosfoguel (2007), Quijano (2005; 2007) e Mignolo (2007) defendem que os conhecimentos acadêmicos e as formas de produção desses conhecimentos foram criados a partir de ideais colonialistas e eurocêntricos, por isso a necessidade da existência de uma alternativa, ou seja, outra forma de pensar a sociedade e seus padrões.

Para Ballestrin (2013, p. 105), o giro decolonial “significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade”. Trata-se da busca por outras ontologias sobre quem somos, onde vivemos e o que queremos para o nosso futuro. Esses teóricos me fizeram questionar a respeito dos modos de vida e os artefatos culturais da nossa sociedade que geralmente seguem preceitos e padrões não estabelecidos por nós, povos de Abya Yala⁴. Por isso, a

3 O grupo Modernidade/Colonialidade, que propõe o giro decolonial, é formado por Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter Mignolo, Immanuel Wallerstein, Santiago Castro-Gómez, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel, Edgardo Lender, Arturo Escobar, Fernando Coronil, Catherine Walsh, Boaventura Souza Santos e Zulma Palermo.

4 Expressão sinônima de América, é utilizada pelos povos originários para “construir um sentimento de unidade e pertencimento” (PORTO-GONÇALVES). Traz um caráter político e epistemológico, pois entende que os povos originários (povos indígenas) nomearam seus territórios, antes da invasão dos europeus. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Acesso em: 2 ago 2018.

teoria decolonial propõe uma ação de enfrentamento a esse outro colonial. Ela traz a proposição de pensar a partir das fronteiras, das ruínas, sugerindo um olhar para si cuidadoso e investigativo na busca por outras visões de si, que possam apontar para as nossas regionalidades e tradições, como alternativas ao pensamento eurocêntrico. O termo decolonial, portanto, remete ao processo pelo qual os autores do sul ratificam a defesa de outra episteme. Assim, é a proposta de uma alternativa à organização do conhecimento de bases eurocêntricas. Nessa perspectiva, Walsh (2009) explica que envolve um movimento de reconstrução de uma ordem local de vida e de conhecimento. Essa autora enfatiza que a decolonialidade é “uma postura ofensiva de intervenção, transgressão e reconstrução” (WALSH, 2009, p. 234). Desse modo, não é um novo padrão a ser imposto, mas uma ofensiva que busca a viabilização e a visualização de conceitos, práticas e modos de viver, ser, estar e pensar, abrindo espaço para o ensino, para a desaprendizagem e para a reflexão (WALSH, 2009).

Nessa direção, Ballestrin (2013, p. 108) enfatiza que “a supressão da letra ‘s’ marcaria a distinção entre o projeto decolonial do grupo Modernidade/Colonialidade e a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria”. Desse modo, a descolonização seria uma forma de superar as amarras coloniais que ainda estão em vigência. Sendo assim, Walsh (2009) esclarece que o prefixo “des” remete às ideias de transição, de superação e de emancipação e, neste caso específico, com relação à história, à política local e residual. Diante dessa diferença, creio que a decolonialidade é a luta para que outras epistemologias possam ter visibilidade, acesso e espaço, uma vez que não há como apagar o passado de colonização epistemológica e ontológica que os povos de Abya Yala viveram. Entendo, por se tratar de algo recente na LA, que alguns autores, como Kleiman (2013), não fazem essa distinção, mas acredito ser importante que essa diferença seja marcada. Por isso, utilizo a nomenclatura decolonialidade, pois é a terminologia defendida pelo grupo, apesar de alguns autores com quem dialogo fazerem uso dos dois termos: decolonialidade e descolonialidade, indistintamente.

Desse modo, o pensamento decolonial, proposto pelo grupo Modernidade/Colonialidade, refere-se a uma quebra epistêmica que busca uma diferença, ou seja, a formação de outra postura teórica em relação à construção do conhecimento, às formas de vida e ao padrão científico. Para Mignolo (2007),

o giro decolonial é a abertura e a liberdade de pensamento e de outras formas de vida (outras economias, outras teorias políticas); a limpeza da colonialidade do ser e do saber; o desprendimento da retórica e da modernidade e de seu imaginário imperial articulado na retórica da democracia (MIGNOLO, 2007, p. 29-30).

A partir dessa visão, o giro decolonial relaciona-se à criação de racionalidades outras que não apresentem somente o modelo eurocentrado, mas que proporcionem espaço para outras epistemologias. Dessa maneira, o giro decolonial é uma postura teórica que questiona as ontologias dos povos de Abya Yala, propiciando um repensar de quem sou, do que pretendo ser e de como posso atuar dentro e fora das minhas salas de aula. É, pois, uma atitude de vida pessoal e profissional. Na seção que segue, exponho o relato da experiência de pesquisa com a turma escolhida, ressaltando que meu objetivo era compreender o processo, a fim de problematizar minha prática de ensino.

PRÁTICAS COLONIZADORAS E PRÁTICAS DECOLONIAIS

Como a instituição em que esta pesquisa se desenvolveu não apresentava orientações pré-estabelecidas para as aulas, eu tinha abertura para prepará-las sem conteúdos pré-agendados. Assim, logo após o início das aulas, pedi que os alunos e as alunas respondessem a um questionário, e, a partir disso, observei como sugestão a introdução de canções. Entretanto, minha experiência me mostrou que uma postura centralizadora não funciona: eu impunha, sem me dar conta, o estilo musical e as temáticas com as quais eu me identificava. Essa prática individualizada e centrada pode ser vista como um efeito de minha formação, que teve como fonte as teorias construídas em outras localidades, principalmente no Norte.

Embora a adoção de métodos não fosse a realidade do curso de ensino médio integrado no qual atuo, compreendo que os princípios que utilizava em sala de aula eram orientados pelos métodos que estudei e tive contato durante minha formação: mesmo não adotando métodos explicitamente, eu sentia que minha prática era influenciada por eles. Sobre esse assunto, Kumaravadivelu (2003a; 2003b; 2016) explica que os métodos de ensino de línguas são construções coloniais, considerando que possuem características coloniais dominantes, mesmo quando são adaptados. No dizer do autor, o método tem caráter de marginalidade, uma vez que toma o colonizador e seus conhecimentos como superiores, e o colonizado como inferior e incapaz. Traduzindo para as palavras do grupo Modernidade/Colonialidade, os métodos são veículos da racionalidade eurocêntrica.

Em minhas aulas em geral (com métodos ou não), os passos em sala de aula eram feitos de cima para baixo ou partiam de mim. Eu acreditava que era somente minha a responsabilidade de decidir e avaliar o que era necessário ser feito. Hoje, percebo que minha prática docente, influenciada por métodos de ensino de línguas, sofria, ao mesmo tempo, a atuação das forças da colonialidade, ou seja, ao investigar minha prática docente, penso que uma possibilidade de interpretação é a de que, ao determinar conteúdos e atividades, eu ditava visões sobre o mundo e escolhas pessoais. Devido a isso, observo que minha prática se aproximava, de certo modo, da prática do colonizador, na qual somente o seu modo de ser era tido como válido, apresentado como superior ao colonizado, o que lhe garantia o direito de impor suas práticas de vida, como religião, cultura e valores. Nessa perspectiva, não havia espaço para as/os alunas/alunos nos meus planos de aula. Certamente, eu não me dava conta da exclusão que gerava. Além disso, é como se eu, professora, fosse detentora do poder superior em sala de aula e que isso bastava para que eu pudesse dizer como os outros aprendem e quando aprendem.

Após essas primeiras percepções das aulas, almejava, então, romper com essa prática centralizadora e colonial. Por isso, minha atitude, naquele momento, foi a de definir com a turma a escolha da canção a ser trabalhada, o que se fez muito importante para mim. Ademais, minha preocupação era a de como trabalhar com as canções, já que eu não poderia escolhê-las, mas deixar a turma escolher. Tal atitude, a meu ver, pode se configurar como uma prática de decolonialidade, uma vez que rompe com a normativa em que coloca o professor como o responsável por todas as decisões em sala de aula.

Antes de pensar em como trabalhar as canções, senti como primeira dificuldade o compartilhamento das decisões com a turma sobre os conteúdos trabalhados em sala. Essa dificuldade demonstra meu receio de perder o controle (poder) sobre os conteúdos

e sobre o desenvolvimento das aulas. Eu, professora, necessitava manter as rédeas sempre apertadas para me sentir segura. Como poderia deixar que as aulas fossem conduzidas por canções escolhidas pelos/as alunos/as/participantes? Aproveito este momento para retornar à questão e reforçar o entendimento que tinha da necessidade de controle sobre o material e conteúdos em sala para poder afirmar que tal fato partiu, entre outras questões, do desejo de um planejamento fixo que me possibilitasse o “domínio” da língua inglesa. Desse modo, mais uma vez, a vontade do controle dos conteúdos é o que pode se configurar como um efeito da colonialidade na minha prática. Apesar desse efeito, tive que colocar minha insegurança de lado e encarar o desafio de não ter o controle da aula sob as minhas rédeas. Decidi, dessa forma, dividir esse controle e essa responsabilidade com os/as alunos/as, ou seja, compartilhar, com eles/as, as escolhas sobre cada passo que seria dado em sala, para construir um processo mais participativo.

No decorrer das aulas, o barulho, decorrente de atividades realizadas em grupo, ou mesmo resultante de conversas paralelas, me causava certo desconforto. No excerto abaixo, ao escrever, em meu diário reflexivo, sobre como o barulho em sala de aula me incomodava, já inicio uma reflexão sobre o porquê dessa minha insatisfação. No momento, acredito que o motivo para esse incômodo se deveu ao fato de minha atuação sofrer os efeitos da colonialidade. Será que mais uma vez adotei a postura da professora que quer ter o controle de tudo?

Então, fiquei muito feliz ao perceber que estavam praticando, inclusive o Severino sempre tentava falar o que aprende, mas meu moralismo de professora que tem que manter o controle soou mais alto. Mesmo entendendo que manter o controle é também manter o poder em sala de aula, não consegui me libertar dessa tradição. Por isso, devo pensar mais antes de interromper os/as alunos/as, refletir mais ainda sobre minha prática, pois se pretendo ressignificá-la, tenho que reaprender a ensinar. De certo modo, não sei se estou completamente errada, mas acho que preciso aprofundar a reflexão de cada ato mínimo que acontecer em sala de aula. (Diário reflexivo - 07/6/2017)

A primeira ponderação a esse respeito relaciona-se à minha experiência como aluna. Lembro-me que, quando um/a professor/a entrava na sala e todos/as se calavam para o/a escutar, o silêncio absoluto, aparentemente, reinava, e todos/as prestavam atenção. Eu, naquela época, entendia que esse/a professor/a era um/a bom/boa profissional. Percebo que eu reproduzia esse modelo quando ministrava minhas aulas. A segunda reflexão refere-se ao controle, que poderia estar relacionado à visão colonial de ensino a qual tenta encaixar os profissionais em um mesmo *modus operandi*, ou seja, enquadra o/a professor/a em um método específico e o/a coloca em uma posição de poder absoluto em sala. Entendo, assim, que era como se eu quisesse me enquadrar em um paradigma, às vezes até imaginário, pois o silêncio absoluto nunca existiu e nem nunca vai existir. No entanto, como escrevi no diário, para ressignificar minha prática, para reaprender, eu tinha que repensar a ânsia por manter o controle, que agora vejo como um resquício da formação e da minha história de vida que perpassaram os minha prática como professora.

Diante desse afã por silêncio, por controle, por encaixar-me em determinada prática, me pergunto o que isso pode significar. Assim, dentre as várias possibilidades de

interpretação, atrelo esse anseio a uma terceira reflexão sobre minha visão de ensino: um modo de prever que todos/as aprendem com o silêncio, com o controle e com práticas repetidas. Isso pode demonstrar a vontade por um ensino que se caracteriza pelo foco em conteúdos, no qual o/a professor/a é tido como dono/a da verdade, que deve falar e cujas/os alunas/os devem escutar, ou seja, um sistema de ensino em que não há trocas, em que todas/os são tratadas/os do mesmo modo para obter as mesmas produções. Isso pode corroborar outro conceito do grupo Modernidade/Colonialidade: a noção de colonialidade do poder, desenvolvida por Quijano (2005; 2007) e que está relacionada ao controle das forças políticas e econômicas por parte dos grandes centros para a manutenção do poder global e, ao mesmo tempo, local. Desse modo, a colonialidade do poder traz consequências diretas para minha vida, sem que eu mesma perceba. Uma delas pode ser em relação ao modo como entendo o ensino, pautado pelo silêncio, pelo controle, a serviço da manutenção dos sistemas que sustentam injustiças e exclusões sociais entre aquelas/es que são autorizadas/os a falar e aquelas/es que devem ouvir, entre aquelas/es que produzem conhecimento e aquelas/es que consomem tal conhecimento.

Essas reflexões me serviram (e ainda me servem) de sinal para que eu continue a questionar minha prática de sala de aula e o ensino de língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas, registro que, como professora, enxergo-me em processo de amadurecimento teórico e prático sobre minha profissão, o qual vem me possibilitando refletir sobre as colonialidades de meu fazer docente. Com esse entendimento, sigo pontuando ainda mais inquietações sobre minha prática. Para finalizar, registro um poema que escrevi durante a condução da pesquisa.

Binarismos da minha prática

Velha ou nova
EM PROCESSO

Início ou fim
EM TRÂNSITO

Melhor ou pior
REFLETINDO

Repetindo ou inovando
QUESTIONANDO

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89-117, 2013.

DUTTA, M. J.; BASU, A. Negotiating our postcolonial selves: from the ground to the Ivory tower. In: ADAMS, T. E.; ELLIS, C.; JONES, S. H. (Org.). *Handbook of autoethnography*. Nova York: Routledge, 2013. p. 143-161.

GROSGUÉL, R. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. *Ciência e Cultura*, v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007.

KLEIMAN, A. B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

KUMARAVADIVELU, B. Critical Language Pedagogy: a postmethod perspective on english language teaching. *World Englishes*, v. 22, n. 4, p. 539-550, 2003a.

KUMARAVADIVELU, B. *Beyond Methods: macrostrategies for language teaching*. New Haven: Yale University Press, 2003b.

KUMARAVADIVELU, B. The decolonial option in English Teaching: can the subaltern act? *Tesol Quarterly*, v. 50, n. 1, p. 66-85, 2016.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGUÉL, R. (Ed.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 127-167.

MIGNOLO, W. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. un manifiesto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGUÉL, R. (Ed.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 25-46.

PORTO-GONCALVES, C. W. *Abya Yala*. Disponível em <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>. Acesso em: 5 ago 2018.

QUINO . *Toda Mafalda*. Martins Fontes, 1999.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Ed.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 93-126.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1990.

WALSH, C. *Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época*. Quito: Abya-Yala, 2009.